5: Baldus SP22 Tapirape

Série 5ª BRASILIANA Vol. 101
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

HERBERT BALDUS
Doutor em filosofia pela Universidade de Berlim

# ENSAIOS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA

COM UM PREFACIO DE
AFFONSO DE E. TAUNAY
da Academia Brasileira de Letras

EDIÇÃO ILUSTRADA

1937
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE

[TITLE PAGE]

[p. 86]

# OS GRUPOS DE COMER E OS GRUPOS DE TRABALHO DOS TAPIRAPE'

Em junho de 1935, depois de ter subido, durante oito dias, o Rio Tapirapé, afluente esquerdo do Rio Araguaya, numa canôa dos índios Karajá, e depois de ter marchado a pé mais dois dias, em direção ao norte através de campos, pantanais e matos, alcancei Tampiitáũã, a "aldeia das antas". Cento e trinta indivíduos de uma tribu tupí moravam lá, 69 masculinos e 61 femininos. Era o resto dos índios Tapirapé.

Mõĩtáũã, a "aldeia do taquarí", foi em 1932, assaltada e destruida pelos vizinhos do norte, os Kayapó, e os poucos sobreviventes se refugiaram em Tampiitáũã.

As tres outras aldeias dos Tapirapé abandonaram a sua independencia, mudando-se os habitantes para Tampiitáũã por uma causa digna de nota: por não existirem mais médicos-feiticeiros entre êles.

O dificilimo acêsso a suas povoações situadas numa floresta imensa e, em grande parte, sempre inundada, explica porque não tinham sido os Tapirapé, até a minha chegada, estudados por nenhum etnólogo. Morei até o mez de agosto em casa do seu chefe principal, tendo a

nem entre as outras tribus que visitei, nem na literatura. Dou-lhe o nome de "grupos de comer".

E' verdade que, como o Snr. Curt Nimuendajú me comunicou numa carta de 30 de dezembro de 1935, os indios Canellas do Estado de Maranhão, por êle visitados, têm uma instituição social que ele chama de "grupos da praça" (*Platzgruppen*), e cada um dos seis grupos da praça, aos quais só pertencem individuos masculinos, recebe, por ocasião da iniciação dos adolescentes, das parentas dos iniciados, como pagamento do seu trabalho na construção dos quartos de reclusão, certa quantidade de viveres vegetais, a qual é então, dentro de cada grupo, repartida em partes iguais entre os membros. Essa instituição da mencionada tribu gê não tem, no entanto, semelhança alguma com os grupos de comer dos Tapirapé.

A importancia para a vida social dessa organisação em "grupos de comer" depreende-se da sua finalidade, a saber: acontece, ás vezes, que o produto da caça ou colheita, que entre estes indios pode ser consumido por ambos os sexos e tambem pelas crianças (por exemplo: o porco do mato, mutum, jacú, tartaruga, mel, etc.), é grande demais para a familia do caçador e pequeno demais para ser distribuido com justiça e proveito por toda a povoação da aldeia; nesse caso e precisamente para evitar um ato menos equitativo, faz-se a distribuição pelo grupo de comer, do qual faz parte o respectivo caçador.

Por occasião da minha presença entre os Tapirapé, estavam eles divididos em sete grupos de comer.

5: Baldus SP22 Tapirape



boa sorte de tomar parte numa série de festas que nem todos os anos são celebradas por eles.

As comparações da cultura espiritual e material dos Tapirapé com o que nos foi relatado pelos antigos autores como Hans Staden, Jean de Léry, André Thevet, Fernão Cardim, Gabriel Soares de Souza, Yves d'Evreux, Claude d'Abbeville, Simão de Vasconcellos e outros, sobre a população tupí da costa brasileira no século XVI e XVII, põem fóra de dúvida que os habitantes de Tampiitãũã são parentes chegados desses Tupí.

A. Métraux (Migrations historiques des Tupí-Guaraní, Journal de la Société des Américanistes de Paris, 1927, XIX, pag. 25) tinha objetado a isto: "Le mot qu'ils (les Tapirapé) emploient pour désigner la banane est emprunté aux Karajá. Or en 1557, les Tupinamba de Rio avaient déjà reçu des bananes, comme nous l'apprend Léry et ils l'appelaient 'Pacoaire' comme la plupart des Tupí-Guaraní, ce qui exclurait la possibilité d'identifier les Tapirapé aux Tamoyo".

As minhas investigações demonstraram, porém, que os Tapirapé, designam, é certo, as bananas cultivadas em geral com o termo de "txãtá" ou "tãtá" o que se parece com a palavra karajá indicativa das mesmas frutas, mas chamam a banana brava de "pããnkuá" e uma das seis qualidades de bananas cultivadas por eles de "abebakinamãé".

Desejo tratar, a seguir, de uma instituição social dos Tapirapé, para a qual ainda não encontrei semelhanças,

Contam que antigamente havia maior numero de grupos. Os nomes dos grupos existentes são: Txankanépéra, Pananĩvũána, Manĩltivuéra, Kãũũãnõĩ, Tãũãũpéra, Ãmpirampé, Ãvãinkĩ'. Quando pedia que me explicassem a sua significação, diziam-me sempre sómente a palavra tãtáupáũã. Seguramente, porém, alguns nomes dos grupos tem relação com nomes de animais e plantas, assim Txankanépéra com txankané (jacaré), Manĩltivuéra com mandĩĩvúnã (especie de mandioca), Ãvãinkĩ' com vũãĩkĩ'rã (especie de mandioca). Talvez isto seja um resto de idéias totêmicas, embora não se manifeste no comportamento dos membros do grupo; por exemplo, os membros do grupo Txankanépéra não têm, a respeito do jacaré, posição diversa da dos membros dos outros grupos. E' verdade que, por ocasião do banquete comum, cada um é chamado segundo o seu grupo, e é tambem o que este nome representa. Assim, por exemplo, um membro do grupo Txankanépéra diz então: "Txé Txankanépéra", o que significa tanto "Chamo-me Txankanépéra" como "Sou Txankanépéra", e diz ao seu companheiro de grupo ou á sua companheira de grupo: "Ané Txankanépéra", "Chamas-te Txankanépéra" ou "Ês Txankanépéra".

Tãtáupáũã designa tanto o banquete comum de um grupo como a instituição dos grupos de comer em geral. Quando perguntei aos Tapirapé como se chamam a si mesmos, em conjunto, recebi a resposta: "Ampĩáũã" (palavra que significa "varão" no tupí do Amazonas) e a declaração de que todos os participantes do tãtáupáũã

se chamam assim. Nada pode caraterizar melhor a importancia desta instituição do que esta observação. A trîbu tupí ainda não explorada que mora ao sudoeste de Tampiitáũã, além do rio Tapirapé, sendo chamada pelos Tapirapé de Ampaneá, e que segundo as indicações deles tem a mesma cultura que os Tapirapé, é tambem chamada de Mãé-ãmpláũã. (Além disso, é designada tambem como todas as que falam tupí, por txané, quer dizer: "nós" [incluindo o apostrofado] ou "nosso").

A palavra tãtá é usada não só pelos Tapirapé como pelos Karajá para a designação das bananas cultivadas em geral. Significa tambem, na sua como em todas as linguas tupí-guaraní, "fogo"; e difere, na pronunciação, da mesma palavra dos outros representantes deste grupo lingüistico, sómente pela nasalação, diferença que distingue tambem em geral o tapirapé.

A palavra upáũã significa: "comido tudo".

A palavra tãtáupáũã póde significar que o fogo apagou ou que se comeu tudo que estava perto do togo.

Cada indivíduo pertence por toda a vida ao mesmo grupo de comer; os filhos pertencem ao grupo do pai, as filhas ao grupo da mãe.

Os grupos de comer não tem importancia para o casamento; assim, acontece que alguns homens pertencem ao mesmo grupo que suas mulheres, e os outros homens a outro grupo.

5: Baldus SP22 Tapirape



O chefe principal Kamairahó era Txankanépéra, o segundo chefe Vũãtanamĩ' era Pananĩvũãna. Como eu vivia junto com Kamairahó e pertencia, de certa maneira, á familia dele, fiquei tambem Txankanépéra; e me explicaram que, por isso, tambem os meus parentes, apezar de ausentes, ficaram sendo Txankanépéra.

Dentro do seu grupo, todos os membros consideram uns aos outros como irmãos e irmãs.

Mais um ponto importante dos grupos de comer para a vida social: e é que a gente, por ocasião do banquete comum, está sentada junto e sempre unida àqueles companheiros de grupo, com os quais, talvez, fóra destas ocasiões, nunca mais se reune. Esta instituição forma, por conseguinte, um laço que de tempos a tempos, do nascimento à morte, liga uns aos outros os habitantes das diferentes casas.

Em certas épocas, a povoação inteira da aldeia se reune ao mesmo tempo para o tãtáupáũã, que não é então, na verdade, banquete realizado para a satisfação das obrigações impostas pela organização grupal de consumo, e sim um verdadeiro agape.

A 3 de julho estava-se no fim do tempo do kãũihó, do "kãũi ruim" (literalmente: kãũi grande). De tarde, os chefes deram a todos de sua casa kãũi de amendoim, que antes só era mastigado pelas mulheres dos chefes e não por outras mulheres. Era quente e tão bom que comi a fartar.

Ao pôr do sol do dia seguinte, grandes potes e pratos com diferentes víveres foram levados á praça de dançar e lá colocados em seis grupos. Estes grupos correspondiam aos grupos de comer; os Kãũãnõĩ, por causa do seu número diminuto, tinham-se reunido com os Ãvãinkĩ' para formar um grupo só. Todos que podiam traziam alguma cousa de comer para seu grupo. Havia bananas, amendoim, farinha de amendoim, peixes cozidos, caldo de peixe com farinha de mandioca apimentada, varias espécies de kará, kãũĩ de amendoim etc. Antes, havia grande distribuição de presentes. Cada qual presenteava os que queria ou estimava especialmente, com uma parte das suas preciosidades, contas de perolas e cousas semelhantes. Os chefes recebiam a maior parte. Um homem tinha recebido tres tesouras; e não sabia senão usá-las como enfeite pendente.

Depois, os grupos de comer sentaram-se ao redor dos seus potes. Ao lado deles estava a cinza de fogos apagados. Os membros de cada grupo acocoravam-se mesclados uns com outros, homens, mulheres e crianças, comendo de tudo á vontade. Kamairahó, o chefe principal, recebeu a melhor parte, um pedaço de galinha, e na sua cortezia habitual repartiu-o comigo, seu irmão. E chamamo-nos um ao outro de Txankanépéra; e Ampitánya, sua filhinha adoptiva que estava sentada entre nos dois, gritou-me: "Ané Txankanépéra", e chamei-a com a mesma palavra. E a gente dos outros grupos chamou-me tambem de Txankanépéra, e chamei a êles com os nomes dos seus grupos. Estávamos todos muito alegres.

5: Baldus SP22 Tapirape



Todos os participantes deste agape estavam sentados tão perto um do outro que não ficava distancia alguma entre os grupos.

Dentro dum quarto de hora tudo estava comido. Os potes e pratos foram retirados, e a gente separou-se. A noite entrou. A praça pertenceu de novo ás mascaras dançantes. Representaram "as sombras boas". Todas as "sombras ruins" tinham tomado kãũihó e tinham desaparecido. O máo tempo de chuva, com a fome e as doenças, o "inverno" dos brasileiros do norte, tinha acabado. Agora começava o tempo seco com as suas "sombras boas": o verão".

Dizem que tambem em tempo da colheita, ali por setembro, é realizado um desses banquetes comuns de todos os grupos de comer.

No dia 15 de julho ofereceu-se-me ocasião de observar o tãtáupáũã dum grupo de comer. No dia anterior um homem dos Ãvãinkĩ' tinha morto a cacete um porco de mato detido pelos cachorros. Coube então às mulheres pertencentes a êste grupo de comer, a tarefa de moquear a carne em casa. Como pagamento deste trabalho podiam retér em casa certas partes, por exemplo a cabeça e as pernas, dando-as àqueles da sua familia que não eram do mesmo grupo de comer.

Já antes de nascer o sol começou o banquete. Na takãna, na grande casa de dança, que é propriamente a casa dos homens e, por isso, em geral não freqüentada pelas mulheres, os Ãvãinkĩ' de ambos os sexos estavam senta-

dos em esteiras estendidas para este fim ao redor de grandes potes com o porco moqueado. O animal estava dividido de tal maneira que os pedaços podiam ser comodamente tomados na mão.

Quando me aproximei, todos, amáveis, imediatamente me convidaram a servir-me. Excusei-me, declarando ser Txankanépéra, à vista do que não se insistiu mais.

Naturalmente, membros de outros grupos de comer podem pedir, aos participantes do banquete, um pedaço. Mas o costume exige que se afastem depois de ter recebido o desejado. Na roda ao redor dos potes, só membros do mesmo grupo podem estar sentados. Em geral, porém, um membro de outro grupo não se aproxima dos banqueteadores com êsse desejo.

Em todo o caso, porém, não quiz exagerar o meu orgulho de ser Txankanépéra e por isso aceitei o convite dum amigo especial, Vuãnomantxí, cuja mulher tinha preparado a maior parte da comida dos Avãinkî', ganhando assim para os seus a cabeça do porco. Enquanto ela, agora, estava sentada com os companheiros do grupo na talcána, o marido e o filho dela e tambem algumas pessoas que não eram parentes, mas que, sendo os unicos outros habitantes da pequena cabana, pertenciam, por assim dizer, á familia, estavam deitados atravessados nas redes, mastigando com prazer. Quando entrei, Vuãnomantxí arrancou da cabeça do porco um pedaço que julgou o melhor e ofereceu-m'o. Comecei a mastiga-lo, necessitando para isto de muita bravura porque a carne era muito dura.

5: Baldus SP22 Tapirape



Quando o queixo já me doia bastante, tendo eu alcançado a convicção de ter engulido a quantidade necessaria dêsses terríveis bocados, quiz obter um premio e pedi o miolo. Meu amigo sorriu-se — para mim ele tinha sempre um sorriso de camaradagem profundamente alegre e desembaraçado — e deu-me a entender que eu não tinha gosto peior do que os mais ilustres Tapirapé. Depois disso rompeu com a sua força atletica o craneo, entregou-me a maior parte do miolo e meteu o resto na boca.

O sol ainda não tinha aparecido quando, tanto na casa de Vuãnomantxi como na takána, do porco só restavam os ossos.

Além do tãtáupáũã ha mais uma instituição na qual tambem se come em grupos hereditarios. Chama-se apatxirú. Seu fim, porém, é completamente diferente do fim do tãtáupáũã. Não é uma organização grupal de consumo, mas de produção. Por isso, tambem, nesta instituição o banquete em grupos determinados é circunstancia meramente acessoria.

A importancia do apatxirú para a vida social consiste na posibilidade de distribuir um trabalho coletivo de tal maneira que nenhum membro da tribu possa sentir-se desprestigiado por um áto menos justo, o que se obtem fazendo do trabalho uma festa com concurrencia esportiva.

"Quando em tempo da chuva muita agua está em todas as partes, moram na takána as 'sombras' ãũvanai. O seu toucado de cabeça e a sua tanga são fabricados de folhas do burití, mas o toucado não tem penas de arara.

Dansam durante toda a época da chuva. Neste tempo, além deles, não ha outras 'sombras' (antxína). Não moram tãopouco como as outras 'sombras' ou no morro ou na agua, mas só na takána. Não cantam, apenas grunhem em voz baixa. Nas luas das grandes chuvas, a barriga não fica tão cheia como no tempo seco. Mas os ãũvanaí precisam de comer. Então vão às roças e 'roubam'. Levam o roubo para a takána, onde o comem. No apatxirú se faz as roças nas quais procuram a comida. 'Roubam' só dessas roças, que só para eles são feitas. Os ãũvanaí não são ruins. Todos os homens dos Tapirapé são ãũvanaí".

São estas, em resumo, as informações que recebi perguntando pelo destino das roças comuns feitas no apatxirú.

Para o apatxirú todos os homens dos Tapirapé são divididos em tres grupos de trabalho chamados vuĩra. A palavra vuĩra significa: passaro, e os nomes de cada um dos grupos designam passaros miticos, dos quais cada um é corporificado tanto pelo grupo correspondente, na sua totalidade como tambem por seus membros em separado. Chamam-se Tãnãvé, Anantxá, Vuirantxinió.

O grupo Tãnãvé foi durante a minha demora o menor em numero, mas as pessoas socialmente mais elevadas pertenciam a ele: o chefe principal Kamairahó, o segundo chefe Vũãtanamĩ', o chefe e médico-feiticeiro mais eminente Urukumĩ' e eu. (E' natural que Kamairahó tivesse declarado imediatamente que eu seria Tãnãvé como ele.)

5: Baldus SP22 Tapirape



Cada um dos tres grupos de trabalho tem dois cabeças chamados ãntaĭva. Os ãntaĭva dos Tãnãvé eram Vũãtanamĭ' e Urukumĭ'. (Se bem que Kamairahó tambem era Tãnãvé, parecia, na sua qualidade de chefe principal, ser o superior de todos os tres grupos. Tambem é o unico cuja roça particular é feita pelos habitantes da aldeia em trabalho comum, enquanto que as roças particulares dos outros membros da tribu são feitas sómente pelos respetivos proprietarios. É verdade que não sei se na preparação da roça do chefe principal aparecem tambem os tres grupos de que tratamos aqui.)

Os ãntaĭva dos Anantxá eram o chefe Tanupantxóa e Vuĭraí, os dos Vuirantxinió o chefe Kamairá e o médico-feiticeiro Maninohó.

A estes tres grupos de trabalho dos homens pertenciam antigamente tres grupos pelos quais os meninos da tribu eram divididos. Chamaram-se Vuanankóra, Vuirantxína, Vuĭrantxinoí. Hoje, o ultimo está extinto. Ao primeiro pertencem os meninos cujos pais são Tãnãvé ou Anantxá, ao segundo os filhos dos Vuirantxinió. Tambem o terceiro grupo era formado, antigamente, por meninos cujos pais eram Vuirantxinió. Dizem que com a sua iniciação o adolescente passa ao grupo de trabalho do pai ficando, então, membro dele até a morte.

Os grupos dos meninos acompanham os tres grupos de trabalho dos homens em todas as suas acções. O sexo feminino não pertence a esta instituição, porque "as mulheres e meninas ficam em casa quando os homens saem para o trabalho comum".

Dizem que cada grupo de apatxirú tem o seu adorno determinado para certas danças, as quais, porém, costumam ser realizadas em época do ano que não coincide com a que passei entre os Tapirapé. A saber: os Tãnãvé usam, pendentes da cabeça para as costas, tres grandes penas vermelhas de arara; os Anantxá levam, da mesma maneira, tres grandes penas de arára, das quais duas são, porém, azues e amarelas do canindé, e só no meio destas está uma vermelha do arara-piranga; além disso, têm nos braços os frouxeis brancos do peito do urubú-rei; os Vuirantxinió não se distinguem dos Tãnãvé; os Vuanankóra levam, pendentes da cabeça para as costas, penas vermelhas menores, da cauda da arara; os Vuirantxína tem o mesmo ornato e além disso, levam ainda nos braços os frouxeis da arara.

Sobre a designação apatxirú, o Snr. Curt Nimuendajú escreveu-me, numa carta de 20 de fevereiro de 1936, o seguinte: "A palavra apatxirú dos Tapirapé é a designação usual em tupí para a reunião de gente para um trabalho comum (ordinariamente para uma pessoa daquela gente). Montoya diz: potyrõ: poner manos á la obra. Provavelmente, a palavra é composta de po-tĩ: mano recia, e rõ, idem quod rũ: poner (Montoya). Os Apapokuva-Guaraní tem uma forma muito semelhante. Na Lingua geral do norte, a palavra é putirú. "Réunion, rassemblement pour faire vite un travail", traduz P. Tastevin *(La langue Tapihiya)*. Do guaraní e da Lingua geral do norte, a palavra foi adoptada no mesmo sentido pela moderna lingua popular portuguesa do Brasil. No Pará e no

5: Baldus SP22 Tapirape



Amazonas, a gente diz "puchirum", em São Paulo e nos Estados vizinhos "motirão". O primeiro *a* em apatxirú podia ser o prefixo pronominal da primeira pessoa singular".

No dia 30 de julho Kamairahó me convidou para ir com ele ao apatxirú. O dia precedente, já o chefe Tanupantxóa com muitos homens tinha começado o corte de arvores comum.

De tarde marchamos cerca de uma hora em direção a leste atravez do mato até chegar ao lugar onde se trabalhava sob a direção dos ãntaïva dos Anantxá Tanupantxóa e Vuïrai. Os Anantxá aqui estavam em numero maior do que os outros grupos, porque eram, por assim dizer, os empresarios deste apatxirú. Mas não se podia observar uma divisão nos tres grupos durante o trabalho; todos os Tãnãvé, Anantxá e Vuirantxinió estavam ou moviam-se, sem ordem, mesclados uns com outros.

Tanupantxóa determinou os pedaços do mato que deviam ser abatidos, indo, sem dizer palavra, para os lugares em questão e começando lá a bater com o machado numa arvore. Pelo fato de trabalhar mais do que os outros mostrou ser êle o cabeça.

Tambem ãntaïva de outros grupos estavam presentes e trabalhavam, assim Urukumï' dos Tãnãvé e Kamairá dos Vuirantxinió. Vũãtanamï' tinha ido á sua roça; provavelmente queria evitar, como de costume, encontrar-se com Kamairahó, que ele odiava. Maninohó tinha ficado em casa. Kamairahó sentou-se num tronco cortado como espectador.

Cada qual logo que sentiu vontade de trabalhar, escolheu para si, como bem lhe pareceu, uma arvore nas circunvizinhanças do ãntaíva e começou o combate. Mas não parecia ser combate contra os companheiros da obra, combate para vencer os outros pelo maior resultado do trabalho, senão combate alegre contra a madeira e contra o grande mato. Contra o mato em conjunto porque não se tratava de vencer cada arvore de per si pela força bruta dos braços, mas tambem pela estrategia: primeiramente fez-se uma incisão num bom numero de arvores de tal maneira que elas todas tinham de cair na mesma direção quando o seu vizinho caduco se apoiava nelas na direção oposta, e só depois se derrubou um gigante da selva, e de tal geito que ele arrastou comsigo para o chão os seus irmãos debilitados pelo machado.

O homem, depois de ter trabalhado assim por certo tempo, até o extremo esforço, descansava até sentir vontade de continuar com o trabalho. Todos eram muito aplicados.

O indio trabalha segundo ritmo diferente do adotado pelo homem da nossa civilização. Não faz a mesma tarefa cada dia, a hora determinada e por duração determinada, mas dediça-se, de cada vez, com todos os sentidos e todas as forças à tarefa que lhe parece a mais necessaria no momento e a mais adequada á sua vontade creadora. Fazendo isto, não economiza a si mesmo, mas permanece com um trabalho pesado até esgotar-se por completo. Entrega-se, por exemplo, com tanto fanatismo à derrubada de arvores que, no dia seguinte, devido a dores musculares

5: Baldus SP22 Tapirape



quasi não pode sair da rede. Logo que melhora um pouco, talha a vara de um arco ou tece uma cesta. De repente, faz-se sentir o apetite de bananas. Se não tem mais bananas em casa, o homem vai à roça para buscar nova provisão. Volta cambaleando sob carga imensa, porque traz tanto quanto pode carregar. E se bem que ele então já de novo esteja fatigado para deitar-se na rede, pode acontecer que, a noite inteira, cumpra ainda com o seu dever como dansarino e cantador, dever que exige, de um homem só, as pernas e os pulmões descançados de cinco homens fortes.

Dizer-se que o indio é preguiçoso demonstra falta de compreensão de parte daqueles que julgando os povos que ainda se conservam em outras condições da vida, não são capazes de livrar-se das maneiras de considerar que parecem necessárias à existencia da nossa civilização. Talvez os que assim pensam tenham visto o indio ficar deitado na rede durante um dia ou dois sem fazer nada, enquanto a mulher, sempre diligente, ora pilava o milho, ora fiava e tecia ou cozinhava, ora ia buscar agua no corrego. Esta gente não sabia que o homem tinha voltado pouco antes de uma grande caçada ou que, durante toda uma semana, tinha abalado o chão dansando e o ar, cantando.

Ou então se relatam fatos duma tribu cuja cultura já está corrompida pela nossa civilização, e dizem: "Vivemos como missionarios entre esta tribu, não um dia nem dois, mas vinte-e-cinco anos inteiros. Por conseguinte, temos o direito de afirmar: O indio é preguiçoso por natureza". —

Esquecem-se de que dois fatores têm, na maior parte, privado o homem indio na nossa civilização do dominio das suas atividades: a introdução de instrumentos de ferro e o fim do estado de guerra. Com os instrumentos de ferro, o homem consegue hoje em poucas horas o mesmo para que, antigamente, necessitava dias e semanas; enquanto que os trabalhos da mulher não são de maneira alguma influenciados por eles. E desde que não existe mais necessidade para o homem de estar sempre pronto para a luta contra vizinhos inimigos, ainda mais a divisão de trabalho entre os sexos tornou-se absurda. Em tais situações culturais perturbadas, os homens aparecem muitas vezes como indolentes e ás mulheres como a unica parte trabalhadora ou a parte que tem o trabalho mais pesado.

Como especialmente "preguiçosos" são considerados, hoje, por exemplo, os Karajá do Araguaya. Mas se se pondera que imensa quantidade de trabalho deve ter sido necessaria, antigamente, a indios navegantes, para fabricar, de um gigante da selva, por meio do machado de pedra, a grande canoa na qual vive a familia inteira ou, muitas vezes, algumas familias, — se se considera isso, concordar-se-á em que naquele tempo, provavelmente, o homem trabalhou rijamente.

Esperar dos indios um abandono espontaneo e imediato da sua divisão de trabalho, não corresponderá a esperar que, entre nós, de repente, os homens tomassem a seu cargo os trabalhos das mulheres? Entre nós não ha "trabalho de mulher" que não seja ou tenha sido feito, em alguma parte e em algum tempo, tambem por homens;

5: Baldus SP22 Tapirape



não consideramos até os trabalhos mais importantes que na nossa vida domestica geralmente cabem ás mulheres, como, por exemplo, cozinhar e costurar, de maneira alguma como ocupações carateristicamente femininas, logo que pensamos no cozinheiro e no alfaiate. Nas poucas tribus de indios, porém, nas quais certos homens fazem trabalho de mulher, são estes ou escravos ou mentalmente anormais. É verdade que determinados trabalhos, por exemplo o entrelaçar ou o fiar e tecer, são executados numa tribu pelos homens e noutra pelas mulheres; nunca, porém, um sexo tentará invadir o tradicional dominio de trabalho do outro sexo. Porque, nas simples condições sociais dos povos naturais, isto é, nas condições que não são tão complicadas como as nossas devido à diversidade e mistura de camadas sociais, a divisão do trabalho entre os sexos é a base da cultura, cuja perturbação, causada por u'a mudança, prejudica muito e pode até extinguir a independência material e espiritual da pequena unidade social, porque cada uma dessas mudanças atinge a todos os membros dessa unidade.

O indio arrancado da sua cultura e impelido para nossa civilização, encontra-se numa situação semelhante á do lavrador ou trabalhador industrial europeu cuja atividade se tornou superflua graças à introdução de novas maquinas. Em ambos os casos a mudança do processo da produção diminuiu o trabalho manual, sem abrir aos forçosamente ociosos novo campo para o emprego das suas capacidades tradicionais e adquiridas. A força vital do homem, assim inibida, pode tomar dois caminhos: revoltar-

se contra o impedimento ou exhaurir-se diante dele. Por meio da revolta contra o processo mudado da produção dentro da sua unidade social, a força vital do individuo pode recuperar plena atividade, mas só á custa da força vital da propria unidade social a cuja atividade ela se opõe. Esse caminho significa, pois, a luta social, a fragmentação da unidade social em partes contrarias uma à outra; e é, por isso, possivel no caso do lavrador ou trabalhador industrial europeu porque este só representa determinado grupo dentro da sua unidade social, sendo, como é, uma parte do total. É impossivel, porém, no caso do indio, porque neste caso toda a unidade social foi tocada pela mudança do processo da produção de uma maneira que impede a atividade da força vital, de modo que a oposição seria uma oposição do total contra o total, quer dizer, contra si mesma; e porque, provavelmente, não se pode contar que uma tribu de indios destrua os instrumentos de ferro para poder trabalhar novamente com o cepilho de casca de caracol, com o cinzel de dente de roedor e com o machado de pedra.

A força vital do indio arrancado da sua cultura e impelido para a nossa civilização tem, pois, de exhaurir-se. De fato, esse indio cairá naquilo que chamamos de preguiça, e que não é senão falta da força vital. Não só aquele que cria uma obra visivel não é preguiçoso, mas tãopouco aquele que brinca, sonha, goza e ama. Quem tem prazer em viver, é tão pouco "preguiçoso" como um animal livre ou uma planta. O indio, na nossa civilisação, perde o prazer da vida.

5: Baldus SP22 Tapirape



Naturalmente ha tambem entre os indios ainda não influenciados por nós alguns de força vital especialmente grande e outros de força vital menor, "diligentes" e "preguiçosos". São gradações individuais como as que existem entre nós. De maneira alguma, porém, pode-se dizer que uma tribu de indios que se mantem como unidade cultural independente, é "preguiçosa". Porque numa dessas tribus a vontade criadora, a força vital não impedida produz, muito mais do que as necessidades exigem, aqueles bens materiais e espirituais cuja existencia constitue a cultura.

De outro lado, é verdade que ha tambem entre as diversas tribus diferenças notaveis na realização do trabalho. Assim, podem-se apontar os Tapirapé como especialmente "diligentes". Tinham, no tempo da minha estada entre eles, abundancia de viveres; trabalhavam, apezar disto, com o maior esforço nas suas roças e dedicavam-se com não menor zelo e perseverança ás suas danças e cantos. Aqui, nesta tribu ainda distante da nossa civilização, a introdução de instrumentos de ferro que já, ha decenios, começou por intermedio dos vizinhos orientais, dos Karajá, e a falta de atividade e disposição guerreiras tiveram o efeito justamente contrario ao produzido nos indios civilizados por nós, isto é, privados de sua independencia cultural. Não impediram a força vital, não prejudicaram a vontade criadora, mas asseguraram o sustento e augmentaram o bem estar. Se, apezar disto, sintomas de degeneração se manifestam entre os Tapirapé,

outras são as causas. Não é esta, porém, a ocasião de discorrer sobre elas.

As crianças indias aprendem brincando aquilo que constitue o trabalho dos adultos. Os meninos imitam os homens, as meninas, as mulheres. As crianças maiores auxiliam consideravelmente os adultos. Desta maneira, pouco a pouco, conforme o crescimento das forças e capacidades, o jogo torna-se trabalho. Mas, nesse processo de evolução o limite entre o jogo e o trabalho é tão pouco evidente como aquele abismo divisorio entre crianças e adultos, que existe entre nos, mas não se faz sentir entre os indios. O trabalho não oprime como atividade extorquida. Conserva sempre como o jogo, o carater de ocupação desejada pelo próprio participante. E observando entre os indios um trabalho comum, o apatxirú dos Tapirapé, por exemplo, parece-nos que nele a alegria aumenta a força.

Quando vi os homens, na maior parte com o físico de adolescentes, vencerem pedaço por pedaço o gigantesco mato ao redor, nada notei da gravidade ás vezes sombria e da monotonia que entre nós caraterizam tantos trabalhos comuns. Gritos alegres soavam e gagarlhadas faziam-se ouvir por todo o lado.

Nos troncos cortados estavam sentados os que necessitavam de descanço. Como é seu costume, chegavam-se muito um ao outro. Palestravam, e alguns cachimbavam. De repente havia grande gritaria, todos debandavam com demonstrações de alegria, percebia-se o gemer da madeira

5: Baldus SP22 Tapirape



cheia de vida, e um colosso verde inclinava-se de vagar e desabava com estrondo, arrastando na sua queda seus companheiros mais fracos.

De vez em quando vinha uma voz de trás das arvores. Não se via quem era, mas sabia-se que ela estava muito perto. Imediatamente os rapazes precipitavam-se para o lugar de onde vinha a voz. Dentro de pouco reapareciam com braçadas de bananas; corriam jubilosos ao nosso encontro e as distribuiam.

Eram bananas, que alcançavam um comprimento de 30 cms. e no meio uma circumferencia de 15 a 20 cms. Homens traziam-nas em canastras para perto do lugar de trabalho, nunca, porém, sahiam com a sua carga fóra do bosque para a roça.

A casca das bananas era preta, e a sua massa estava já tirante ao pardo e mole demais. Tem, nesse estado, o melhor sabor para os Tapirapé. As frutas são recolhidas quando verdes e enterradas lá, onde crescem. Os Karajá procedem da mesma forma. No solo aquecido pelo sol, as bananas alcançam mais depressa o estado desejado de podridão do que se guardadas em casa. Tambem estão quentes quando a gente as tira da terra; mais uma razão de preferencia para o paladar dos indios.

Para ser comidas não são descascadas; abre-se um pouco a casca coriacea numa das pontas, toma-se essa ponta entre os labios e esvazia-se então de vagar a casca apertando-a com os dedos, de maneira que a massa entra pouco a pouco na boca. Kamairahó comeu uma banana atrás da outra; quanto a mim, achei-as nauseabundas.

O sol já estava bastante baixo quando partimos. Um atrás do outro marchamos em passo acelerado pelo atalho estreito. A aldeia não estava muito longe, quando o caminho se abria para uma pequena praça limpa, triangular. Nos cantos desta praça as mulheres estavam sentadas olhando-nos silenciosamente. As mulheres e meninas tinham-se separado em tres partes, que correspondiam aos grupos de trabalho dos seus maridos e pais. Tinham posto na praça, em ordem igual, potes com comida. Havia kãũí de bananas, kãũí de amendoim, kãũí de sementes de algodão, kará tostado e muitas outras cousas boas. Cada grupo comia só dos potes que haviam sido postos para ele em lugar determinado. Para os Tãnãvé havia menor quantidade, porque eram em menor número. Fui convidado de todos os lados, e por ter muita fome não poupei absolutamente os dois outros grupos. Só quando comecei a ficar saciado, pus no chão com espanto pronunciado o pote de sopa de bananas dos Anantxá, do qual ha pouco tinha bebido, e assegurei ser Tãnãvé. Para os meus hospedeiros, porém, este fato não pareceu ter grande importancia.

Logo os potes ficaram vazios. Então as mulheres e meninas aproximaram-se, retiraram-nos e foram com eles para casa. Os homens seguiram-nas. Os Anantxá marchavam como primeiros, atrás deles os Vuirantxinió, e os Tãnãvé eram os ultimos. Mantinham-se em ordem, e me mandaram para tras quando andei — não sem intenção — no meio dos Vuirantxinió.

5: Baldus SP22 Tapirape



Logo que a aldeia chegou á vista, tudo se pôs em atividade. Os homens correram diretamente á takána colocando-se lá em pares para a dança. As mulheres e meninas não mostraram interesse nisto e já tinham ido, na maior parte, para as suas cabanas.

Os pares de dansarinos estavam em densa massa em frente da entrada. Em cada par, de maneira usual, um tinha o braço nos hombros do outro, e este, por sua vez, tinha o seu no quadril do homem que estava a seu lado; ambos tinham na outra mão o cacete, o facão ou o arco. No meio do bando estava o par dirigente Tanupantxóa e Vuiraí, os ãntaĩva dos Anantxá. Os Anantxá agora tinham-se misturado com os Vuirantxinió. Dos Tãnãvé, só Kamairahó, Urukumĩ' e eu tinhamos aparecido; ficamos perto como espectadores.

Primeiramente, dansou-se algum tempo no mesmo lugar. Como de costume, patearam o chão, todos sempre ao mesmo tempo com o mesmo pé, alternadamente com o direito e com o esquerdo, conservando os joelhos um pouco curvados e a parte media do corpo levemente inclinada para a frente. Depois o par dirigente da dansa afastou-se, pouco a pouco, do lugar: dansou com passos pequenos para fóra da takána. Os outros seguiram-no do mesmo modo. Todos se moveram, um par atrás do outro, de vagar, em direção à casa de Vũãtananĩ', cantando em diversos sons, gritos, e não palavras.

Alcançada a casa do segundo chefe, a procissão dissolveu-se. Mas não se separaram, ficando perto uns dos

outros. A corrida começou. Chama-se ãhéũĩ, e quer dizer "eu corro". De cada vez dois dos adolescentes que estavam no ano da iniciação e tinham, por isso, o rosto e o corpo completamente enegrecido de genipapo, corriam em linha recta atravez da praça de dansa até atrás da casa de Kamairahó. Não existia propriamente um ponto que devesse ser alcançado primeiramente pelo vencedor, não havia aplauso do publico; quasi se podia dizer: não havia vencedor. Porque a vontade de distinguir-se ou distinguir alguem perante outrem não se manifesta, em geral, nestes indios e é considerada por eles, provavelmente, até como um perigo para a harmonia da comunidade. Parecia tratar-se sómente de corridas que eram feitas tão de pressa quanto possivel atravez da praça e que isto fosse apenas para se convencerem da sua propria capacidade. Logo que os dois corredores alcançavam a casa de Kamairahó, adaptavam-se um ao outro, sorrindo um para o outro amigavelmente (2).

Mais tarde, tambem alguns homens participaram da prova, até o "velho caçador" Kantxovaní. Quando escureceu, todos foram para casa. Ao todo apenas uma duzia de pares tinha corrido, porque haviam começado quando o sol já tinha desaparecido atraz do mato.

---

(2) Em carta de 20 de fevereiro de 1936, o snr. Curt Nimuendajú me escrevera sobre a tribu gê dos Timbira: «Os Timbira possuem tambem a corrida em pares atravez da praça da aldeia (que tem 300 mts. de diametro). Sucede ordinariamente a outra cerimonia maior. Chama-se ka-kaipúa (ka: praça da aldeia, kaipúa: atraves).»

Na tarde seguinte havia outra vez apatxirú, mas noutro lugar. O numero dos participantes era tão pequeno que não havia dansa nem corrida. Dois dias mais tarde, realizou-se um apatxirú maior com todos os caracteristicos, desta vez ao noroeste da aldeia. Assim, faz-se apatxirú em diferentes dias e em diversos lugares. Nem todos os homens tomam parte; alguns trabalham para si na sua roça, outros ficam em casa.

[p. 112 - 342 have not been processed]

27. Tapirapé: dança de homens e mulheres

28. Tapirapé: dança de mulheres

[p. 342 N]

[p. 342 A to M have not been processed]

29.
Tapirapé: [illegible]

30. Tapirapé: a corrida ao [illegible] após [illegible]

[p. 342 o]

11.
Tapirapé: [illegible]

12.
Tapirapé: [illegible]

[Ca 342 P]

# 116

116 TEXTS--a full set of pages from each processed source, arranged in page order, as a means of establishing the context for any particular slip. Sets are arranged in the numerical order of the sources. See also:
Library room . . . . . 520

6: Baldus E-5 (1935, 1947) 1948 SP22 Tapirapé SP22

000

# The Tribes of the Araguaia Basin and the Indian Service
## [Tribos da bacia do Araguaia e o Serviço de Proteção aos Índios]

Herbert Baldus

Revista do Museu Paulista
n.s. Vol. 2, pp. 137-144 (Part I)
São Paulo, 1948

Translated from the Portuguese by Ariane Brunel

Human Relations Area Files

1960

[Title page]

121 [122] [137] Having been invited by Dr. Modesto Donatini Dias da Cruz, Director of the Indian Service, to represent the São Paulo Museum and the Free School of Sociology and Political Science of São Paulo on the team he organized to inspect the Indian posts and to explore certain areas of central Brazil, I imparted to him in a report dated October 31, 1947, the observations made in the course of the journey carried out during the months of June, July, and August of the same year, as well as a few suggestions on the matter. The following pages are a reproduction of this report with a few modifications and additions.

## I. The Tapirapé

162 621 On July 19, 1947, we counted 62 inhabitants in the Tapirapé village of Tampiitsúa, 59 of whom were subjected to a medical examination by my traveling companion, Dr. Harolodo Cândido de Oliveira. The following table provides the age and sex ratios:

| | Male | Female | Total |
|---|---|---|---|
| 5 years and under | 5 | 3 | 8 |
| from 6 to 15 years | 7 | 3 | 10 |
| from 16 to 30 years | 14 | 17 | 31 |
| over 30 years old | 6 | 4 | 10 |
| Total | 32 | 27 | 59 |

It is to be assumed that the three who evaded the examination were boys. In addition, we found at Pôrto Velho a Tapirapé woman over 30 years old who was living among the frontier people.

In 1935, Tampiitsúa had 130 inhabitants, 69 of them male and 61 female.

[166] It should be mentioned that since that time certain individuals have emigrated to Txitxutsúa, another Tapirapé village located quite a distance away. Their number, however, seems to be inferior to that of persons who have moved from there to Tampiitsúa. According to various [138] reports, Txitxutsúa is much smaller than this village, [161] so that today the entire Tapirapé tribe probably does not exceed 100 members.

What strikes us in the above table is, on the one hand, the small number of children in relation to adults (18 individuals through 15 years of age and 41 over 15 years of age), and, on the other hand, the brevity of the life span (only ten individuals were over 30). Only one man and one woman were slightly over 40.

According to the reports that I received in October, 1947, from Mr. Valentim Gomes, the man in charge of the Indian post Heloísa Alberto Torres, and from Father M. H. Lelong at Conceição do Araguaia, the numerical ratios listed above underwent modifications caused by the Kaiapó [Cayapo] attack on Tampiitáua at the end of August, in the course of which three women were killed and two women and one boy were abducted. Of the 59 individuals examined, therefore, there remained 31 males and 22 females.

Aside from illness, the custom of killing newborn children under certain circumstances contributes to the decimation of the tribe.

Of the changes in Tapirapé culture which occurred since my first visit 12 years ago, I wish to mention primarily the scarcity of vegetable foods. The literature on these peaceful and industrious Tupi Indians contains numerous references to their large plots. I may add that in the quantity and variety of their garden produce they outstripped not only the neighboring tribes but also the frontier people. In 1935, in the months of June to August, I found the village provided abundantly with the most delicious bananas, five varieties of manioc and numerous other tubers, beans, peanuts, and maize. In 1947, at the same time of year, I found almost nothing of the sort as I went through all the houses. It had become difficult to obtain a few bananas, a little carâ [Tr., a variety of yam], or manioc cake. The general deficiency showed even in the size of the peanuts, for the length of their pods and seeds had decreased by nearly half, apparently owing to the quality of the soil in the new gardens. Naturally, such a change in the food situation affects the tribal behavior pattern, restraining, for example, the formerly unlimited Tapirapé hospitality.

It is true that this may also have resulted in part from contact with the neighboring Whites who have settled on the Tapirapé River over the past few years. As a rule, these frontiersmen either have nothing to offer or sell their surplus to buy salt and clothes. Their body is undernourished, but their culture compels them to clothe it. Thus, instead of satisfying the appetites of their Indian visitors, they

177 are compelled to inflict a new need upon them, the purely cultural
291 rather than physical one of covering themselves. In 1935, all Tampiitáua women went altogether naked. Now, in the presence of the Whites, many of them use rags tied about the waist, and some of them are completely clothed.

It is difficult to ascertain whether the Tapirapé are actually
177 experiencing a shortage of animal foods brought about by their new
262 neighbors. It should be kept in mind that the decrease in the number
[161] of Tampiitáua inhabitants has been more rapid than the increase in the number of river dwellers. Such complaints as the following [139] were not lacking, however. "Now the Tapirapé only eat small fish, they can no longer eat tucunaré [Tr., large fish], turtles, or turtle eggs."

These words refer to the occupation of the entire river by frontiersmen, who have thus taken over the principal source of animal protein and fats. It is well to keep in mind also that every year during the
[261] dry season, when streams and lakes vanish, the fauna as well as the human beings in the region have to cluster around that watercourse in order to satisfy their thirst and hunger. There is no doubt that the
[136] frontiersmen, by settling permanently in all the habitable places along the river and by becoming increasingly numerous, will continue to deplete the game and fish, which the Indians used to exploit only at
[361] certain times of the year. In any case, the fact that Tampiitáua has been moved lately farther from the river and farther north seems to prove that the Tapirapé felt threatened by the proximity of the White settlers.

When I ascended the length of the Tapirapé River in a canoe in
311 1935, its banks were uninhabited. There was a single inhabitant at the river mouth, and he manned, so to speak, the most advanced
648 post of our civilization. In July, 1947, there were eight houses in Pôrto Velho, which stands more or less at the middle point of the navigable stretch, that is, 15 or 18 leagues from the mouth, and nearly all of their occupants came from the state of Pará and had lived previously at various spots on the Araguaia.

Their settlement, and with it the occupation of the Indian lands, began about five years ago and presents aspects characteristic of the processes that were repeated, with certain variations, throughout the colonization of Brazil. Their leader is a farmer by the name of Lucio

418 Penna da Luz, who lives at Mato Verde, a hamlet established in 1934 on the Mato Grosso side of the Araguaia about 15 leagues above the mouth of the Tapirapé. In the course of time, it became known that it was relatively easy to move cattle from this river to Mato Verde, the land journey from Pôrto Velho being made in a day and a half. Thus, inhabitants of Furo de Pedra and of the mouth of the Tapirapé River ascended this watercourse and settled on its left bank.

When, a few years ago, all regular boat transportation on the middle Araguaia came to a stop after the dissolution of the enterprise that handled the service with motor launches, life in those two locations deteriorated to the point of despair, for there was no longer any outlet for local products. In the entire area, there remained but one man who bought them: Mr. Lúcio. He was and remains the chief supplier of the principal goods needed by the frontiersmen: salt, and some fabric for clothing. Furthermore, he gives them credit. They sell to this man, who owns an outboard motor, a house covered with tiles, and thousands of head of cattle, what little rice and manioc flour they have left over and an occasional cow out of the half dozen that constitute their wealth. They speak well of the man and regard him as their greatest benefactor.

Mutual attraction led Mr. Lucio and his clientele to meet halfway. He set up a ranch on the upper Tapirapé, and the people from the mouth of this river and from Furo de Pedra settled more or less nearby, that is, at Pôrto Velho and inland and up-river from it. As happens to most of the Araguaia settlements, however, the yearly floods trap [140] the new dwellings on the Tapirapé River, so that here too, for months on end, the canoe replaces the horse for visits to neighbors. Naturally, in such an environment, the cultivation of the soil remains quite restricted, and this, incidentally, suits the nomadic bent of these small herders of cattle, who tend to exploit the soil extensively rather than intensively. This type of frontiersman, who originated on the fringes of our society and who has been for centuries the vanguard of our civilization in the penetration of Brazil, proceeds forward, ever forward, leaving behind him the huge empty spaces so characteristic of this country. He calls sertão bruto ["raw wilderness"] the land which is not yet familiar to him and to his fellows, and when he settles upon it, he regards it as his without any qualms. His ethnocentrism prevents him from understanding that the wilderness which has not yet

648 been explored by the Whites nevertheless has its owners. Those owners, that is, the Indians, do not as a rule overstep the boundaries of their own territory and strictly respect adjoining areas unless they intend to make war or to trade. Since ethnocentrism is the very human tendency to regard all things exclusively from the standpoint of one's own people, as though, with their concepts, they were the center of the world, it is not surprising that what seems "raw" to us often is not so to men of another culture. This attitude leads people of limited intellectual horizons, such as the frontiersmen, to regard the differences between themselves and the Indians as so enormous that the latter do not seem to be "people." Taking this as a premise, they act with impeccable logic when they conclude that the land of the aborigines is untenanted. And the authorities who ratify this conclusion prove themselves equally ethnocentric.

Far be it from me to depict the inhabitants of the Tapirapé River as furious invaders. They are humble people, movingly naive, who represent what is conventionally called "good people." It seems that it is not only for reasons of numerical inferiority that they seek peace with the Indians by treating them with kindness. In spite of this, of course, shocks are unavoidable. There are encounters where no blood is shed. Economic interests are met in the hunting and fishing zone of the Tapirapé, and the latter are deprived of protein. The interests which spread gonorrhea among the Karajá [Caraja] are of a different sort. In both cases, however, the Indians concerned are so pleasant that these encounters, in spite of their baleful consequences for the tribes concerned, are at worst "mild shocks" to the frontiersmen as compared with those they suffered from Indians of quite a different temper, namely, the Kaiapó and Chavante.

These Chavante and Kaiapó are Gê Indians, that is, they belong to the large group of tribes that offered greater resistance and gave greater frights to the White intruders than most other Brazilian Indians, They usually find the clash of solid clubs preferable to idle talk. [101] Tapirapé territory is wedged in between them. The northern Kaiapõ are feared more than the Chavante, and in fact the number of their victims is larger than that of the strangers who lost their lives in [726] Chavante territory. Furthermore, the Kaiapó not only march on the Araguaia to do away with the frontiersmen and their houses, but also march south and attack Tampiitáua, as I shall mention later.

648 [141] The superiority complex, a characteristic product of ethnocentrism, is not lacking among the new inhabitants of the Tapirapé River. These people, who are called caboclo [backwoodsmen] by the city dwellers of Rio and São Paulo, in turn call the Indians by this term, thus following the custom of the north Brazilians. To us, caboclo is the man who goes barefoot. To those shoeless frontiersmen, however, caboclo is the man who does not even bother to wear pants. Although pants and shoes delimit the cultural distance that separates them from the Indians on the one hand and from us on the other hand, there is one fact that marks them as members of our society and of no other. These poor conquerors of the unknown are not exempt from taxes. They have to pay them in heads of cattle.

Concerning this, one should mention the historic settlement of São José, an aggregation of about 30 houses, swarming with disease and misery, located at one of the most beautiful spots on the Araguaia. The inhabitants pay taxes of various sorts and say that the government does nothing for them. They pay a school tax, for example, but they have no school. Our companion, Dr. Haroldo Cândido de Oliveira, was the first doctor to visit them in 20 years. When the launch of the Indian Service goes by, these forlorn inhabitants of Goiás get a few medicines.

What would contribute to the frontiersman's feeling of superiority over the Indian, however, aside from the pants and the taxes, the taxes which enable him to belong to the capitalist world? Rifles are already found among the Karajá. And the Indians of the Araguaia are better fed, wash more often, and, as disclosed by the medical examination, suffer less from malaria and enjoy better general health than the so-called "civilized people" around them, who are for the most part, incidentally, Negroes and mulattoes. As an ethnocentric man, however, the frontiersman regards everything that differs from his own culture as inferior. The cultural differences between him and the Indian extend so thoroughly to every aspect of life, moreover, that they almost conceal the similarities caused by the identical geographical environment and by the fact that both groups belong to the same human species. Such tasty Indian dishes as the peanut, [262] maize, and manioc soups, masticated by the women to saccharify [252] them with the saliva, are, to the frontiersman, "filthy stuff" from which he turns in disgust. Tapirapé houses, covered with palm and

648 Tapirapé houses, covered with palm and
[342] "wild banana" leaves, a sturdy protection against heat, cold, and rain, are worth nothing in the eyes of those who own earthen walls. The language which they do not understand seems as ugly to them as all the strange customs seem ridiculous or horrifying, be they facial painting, masked dances, or the practices of the sorcerers--medicine men. This does not prevent them from being no less "primitive" than the Indians in certain aspects of their material culture. In Pôrto Velho, for example, a family from Conceição used a tree trunk with hollowed-out steps as a ladder, thus resembling in this respect the Oiampi [Oyampi] Indians of Guiana who reach their raised houses by similar contraptions.

726 Retreating before the White intruders with the transfer of Tampiitáua, the Tapirapé fell once more into the hands of that neighbor who has probably been for centuries the Number One enemy of their tribe. In 1935 they had already shown their fear openly at night, asking me not to let go of my revolver when I lay down in my net so as to be ready to defend them from the Kaiapó, who [142] had attacked and destroyed another village of theirs three years earlier and killed most of its inhabitants. When I reached Pôrto Velho last July, the same preoccupation had seized the frontiersmen. They spoke of the nearness of the Kaiapó in the same terms as it had been mentioned 12 years earlier in Tampiitáua. These rumors were confirmed by the presence of three families who had come from the plains near Conceição do Araguaia. They said that they had left it only out of fear of those Indians, who had killed seven persons in the previous year.

Unfortunately, the expected danger was not imaginary. A few weeks after our last visit, the Kaiapó attacked Tampiitáua. Details
[115] of this tragic occurrence are related in a letter I received from Father
[648] M. H. Lelong (1). In it we read that the village was sacked and burned
[727]

1. Conceição do Araguaia, 11 October 1947
Dear Professor:

I am the Frenchman you met on the Araguaia as you went up from the Tapirapé toward Leopoldina.

I know how interested you were in this small group of attractive Indians, and thus, after arriving at Conceição the day before yesterday, I hasten to send you the news, which is very sad.

726 During the last days of August, Cayapo warriors--Gorotirés evidently--attacked the Tapirapé village while all the men were at Lake Tucunaré. Only the women, children, and the old man Camaraé were left. They killed two women and a young girl: Eirõa, wife of Tampiri, Amoou, wife of Perera, and Tamamãtchoa, and abducted a woman, a young girl, and a small boy: Iparénahí, wife of Camaraé, Amarai, daughter of Pereira, and Uãcuré, son of Eirõa (please excuse the transcription of these Tupy [Tupi] words). The old man shot his arrows, and the Cayapo "braves" fled after burning down two houses.

[648] Father Palha and I found the frightened popu-
727 lation at Pôrto Velho, where they had sought refuge, lacking everything, hungry, disheartened. In short, a heart-rending sight similar to what I have seen in Europe. We convinced the Tapirapés to go to their village. The women were afraid and tried to dissuade the men. Seven left with us, and four stuck it out to the end. We found this charming little village, which you were the last to visit along with Dr. Haroldo, savagely looted. We brought back the cudgels that were used in the slaughter. I shall describe them to you and give you many other details of this event. The Cayapos had returned that very morning to continue the looting. Unfortunately, we did not come upon them. We remained one day and one night. The three Tapirapés took up a load of cotton and flour (they have no more hammocks and suffer a great deal) and set fire to their village to prevent the enemy from utilizing it further. It was rather tragic. We

[166] returned to Pôrto Velho. They intend to settle
648 a few leagues from São Joao. I saw the large plots of these good, industrious, peaceful

648 people, and it is a pity. Ten armed men would suffice to clear the territory of these assassins, but no one does anything about it. I shall leave in three or four days for Maraba, where I shall catch the plane. I hope to proceed directly to São Paulo, where I shall promptly look you up to see whether it would be possible to obtain urgent help for these poor Tapirapés.

I hope to see you soon and send you, esteemed Professor, my sincerest regards.

(S) M. H. Lelong, O.P.

[Translated from French.]

648 727 and that the survivors sought refuge in Pôrto Velho, where they lack foodstuffs, sleeping hammocks, cotton to make new hammocks, agricultural tools, and kitchen implements (2).

2. I have omitted those parts of my report in which I emphasized the need to send help to the survivors. The man who saved them was Mr. Lucio Penna da Luz, who gave them shelter and food. In September, 1948, Mr. Harald [166] Schultz, Assistant in Ethnology at the São Paulo Museum, found the majority of them living in sheds at the São Pedro ranch, the property of Mr. Lucio, located on the right bank of the Tapirapé.

648 An urgent measure to be taken is the establishment of a post on the upper Tapirapé River. Up to now, the Indian post Heloisa Alberto Torres [143], located at the mouth of that river, was intended to protect the Tapirapé Indians. It turned out to be inadequate for the purpose because it was too far removed from the habitat of the tribe. On the other hand, as early as 1942, when I commented on the attempts to resettle the Tapirapé at that spot on the Araguaia, I called attention to the fact that "the immediate and continuous contact of these Indians with the most varied representatives of our civilization, which would be inevitable if the above-mentioned project were to be

648 carried out, would bring about the certain annihilation of this peaceful Tupi tribe" (Sociologia, Vol. 4, p. 407). In this respect, indeed, the Tapirapé are unlike the true masters of the Araguaia, namely, the Karajá, who have been in contact with the Whites for centuries and who have seemingly developed, at least to some extent, a certain physical and mental resistance to them.

The impracticality of settling the Tapirapé at the mouth of the river of the same name does not imply the abandonment of the Heloísa Alberto Torres post. This post is indispensable not only to protect the northern Karajá group that is settled there and the other groups living down the Araguaia, but also to control the entrance to the Tapirapé River.

As a location for the future protective post of the Tapirapé, I would suggest the spot on the left bank called Pôrto Frederico by the frontiersmen in memory of my traveling companion of 1935, a British missionary who built a shelter there. It is located on a steep bank half a league from São Domingos, the spot where the Dominicans from Conceição do Araguaia usually land on their apostolic journeys. It is the last place where it is possible to moor a boat on the navigable stretch, for there is a waterfall not far above it. Here the trail begins, [487] perhaps several centuries old, that connects the river with the great forest inhabited by the Tapirapé from distant times, the edge of which may be reached in one day on foot or horseback during the dry season. A canoe with a motor at the stern takes two days, traveling from morning to nightfall, from Pôrto Frederico down to the mouth of the river, and usually takes no longer going up since the current is weak. Pôrto Velho is reached similarly in one day.

Apparently, Mr. Lucio Perna da Luz also noticed the advantages of Pôrto Frederico. When we arrived there on July 17, 1947, we found two families of vaqueros who had arrived on the previous day. On the orders of that rancher, they had already erected the framework of their future dwelling and they were preparing palm leaves to cover it. They explained that they had come to set up a ranch on these lands, and that their master intended to establish yet another one up-river, so that the entire margin of the Tapirapé River which has belonged so far to the Indians of the same name would now be occupied.

An Indian post established at Pôrto Frederico or its vicinity would not serve only to guard the territory set aside for the Tapirapé and to

648 offer them a refuge in case of northern Kaiapó advances or attacks. It might also preclude the entry of adventurers into the lands to the south and west, which are assumed to be inhabited by the Akuê-Chavante and by the Tupi tribe of the Ampanefi (in this respect, cf. my works, "Uma ponte etnográfica entre o Xingu e o Araguaia, [An ethnographic bridge between the Xingu and the Araguaia]," [113] Revista do Arquivo Municipal, Vol. 43, São Paulo, 1938, and "Os Tapirapé, tribo tupi no Brasil Central [The Tapirapé, a Tupi tribe of Central Brazil]," ibid., Vol. 100, São Paulo, 1945).

[911] [144] Since the Tapirapé are traditionally forest Indians, we must consider the possibility of establishing the new post in the vicinity of the recently burned village, that is, at the edge of the great forest. I regard this possibility as extremely slight owing to the difficulties of communication during the yearly floods that cover the savanna and the forest ground.

Another possible way of protecting the Tapirapé would be to gather them into a post to be established on Bananal Island. The advantage here would be their localization in a Federal territory intended exclusively as a reservation for the local Indians and more easily accessible than the upper Tapirapé River. On the other hand, this very accessibility might make it difficult to preserve the tribe as an ethnic entity. In addition, the following factors must be con-
131 sidered: although some Tapirapé groups, according to certain sources,
182 lived for a while on Bananal Island more than 100 years ago, everything indicates that the bulk of the tribe has lived in its present habitat since the eighteenth century (cf. my study of this question in the Revista do Arquivo Municipal, Vol. 98, São Paulo, 1944), and the Tapirapé, therefore, are physically and culturally adapted to this environment and capable of preserving their culture within it. It should
619 be added that in this case, also, the contact between the inhabitants of
166 Tamplitfua and Tritrutfua would be retained, and with it the possibility of marrying outside the village or moving from one village to the other as a result of disappointments, political factors, etc. (1).

649 166 1. In a report on his visit to the Tapirapé that took place in September, 1948, Mr. Harald Schultz tells me that "none of the Tapirapé like the idea of being transferred to a spot near

648
[166]

Conceição do Araguaia, as was Father Luiz Palha's plan." He says that these Indians wish to build a village near the houses of the above-mentioned São Pedro ranch, on the right margin of the Tapirapé, and he adds: "If the Indian Service is not in a position to establish a post for the Tapirapé Indians, it would be worth studying the possibility of entrusting Mr. Lucio da Luz with their protection. Mr. Lucio da Luz is a man of great means, and he would not be primarily interested in the meager wages of a man-in-charge or whatever he might be to those Indians, but would do this rather out of the humanitarian feelings which he seems to possess."

648
657
[241]
[311]

Whatever the case may be, there are three basic needs to be considered in any resettlement of the Tapirapé: 1) the existence of an extensive forest adequate for the large gardens of this essentially farming tribe; 2) the exclusion of all representatives of our civilization who are not employees of the Indian Service, anthropologists, or physicians associated with the Service; 3) the exclusion of members of other aboriginal tribes.

I believe that Father Lelong is correct when he writes in his letter with reference to the Kaiapó who invaded Tapirapé territory: "Ten armed men would suffice to clear the territory of these assassins." These ten men, however, should be under the orders of the Indian Service so as to catch the culprits in the slaughter without shedding blood and take them to the idyllic penitentiary established at the Indian post of Icatu in the state of São Paulo. One of the most urgent tasks is unquestionably the lasting pacification of the northern Kaiapó who, unlike the Akué-Chavante, have the habit of leaving the traditional boundaries of their territory to attack harmless neighbors (cf. what I wrote about this in the Revista do Arquivo Municipal, Vol. 102, São Paulo, 1945, pp. 123-130).

142
301
302

6:Baldus--13 E-5 (1935, 1947)1948 SP22 Tapirapé SP22



Fig. 1. Young Tapirapé woman with body painting characteristic of women.



Fig. 2. Tapirapé youth with frizzy hair, forearm ornaments, and body painting.

Plate 1

142
301
302

6: Baldus--14 E-5 (1935,1947) 1948 SP22 Tapirapé SP22



Fig. 3. Tapirapé youth with another type of body painting.



Fig. 4. Young Tapirapé woman with body painting characteristic of women.

Plate 2

Fig. 5. Tapirapé man named Iravuy, with body painting.

Fig. 6. Tapirapé youth with body painting and forearm ornaments.

142
301
302

6: Baldus--6 E-5 (1935, 1947) 1948 SP22 Tapirapé SP22

Plate 4

142
301
302

Fig. 8. Tapirapé youth.

Fig. 7. Tapirapé girl with the ornaments characteristic of immature girls.

61 Baldus--17 E-5 (1935, 1947) 1948 SP22 Tapirapé SP22 Plate 5

Fig. 9. Tanupantxóa-Kamanané, about 45 years old, and in 1947 the oldest Tapirapé. He defended his village alone against the Kaiapó.

142
302

Fig. 10. Tapirapé youth making a wax doll.

[231]
[532]

6: Baldus--18 E-5 (1935, 1947) 1948 SP22 Tapirapé SP22

Plate 6.

857
501

Fig. 11. Tapirapé children playing on the beach at Pôrto Velho.